

MONÓLOGO A DUAS VOZES

*Bref notre époque accoucherait d'un
type bâtard: l'écrivain-écrivain.*

Roland Barthes

Por essas ruas fora. Nunca viram? Pois não é difícil encontrá-los. Uns mal mexem os lábios. Outros esboçam gestos ou chegam mesmo a pronunciar palavras em voz alta. Discutem lá consigo. Mas, quando se julgam observados ou em risco de sê-lo, alto lá. Não são doentes mentais.

É o que pensa, pelo menos, este homem de meia-idade no seu quarto de trabalho, que mais parece uma sala de jogo. Por causa da fumarada que ali se foi adensando, sem que ele tenha conseguido arrancar-se um minuto ao que o ocupa para ir abrir uma greta da janela. Ou assim lhe convém pensar, com os olhos na mesa atafalhada de papéis, a maioria deles com tantas correções que já não as entende muito bem.

Está ali desde as oito. Pouco falta para as duas. Toda a manhã perdida. O que tanto fazia se não devesse acrescentar: mais uma.

Sobre e sob os papéis, há livros. Dos livros saem bilhetes de autocarro, cartões de convite para concertos, conferências, exposições, o que quer que sirva para marcar os passos em consulta. Um desses livros está aberto e bem aberto. Porque o manuseio

continuado lhe quebrou o grude da lombada e lhe dá o falso aspecto de ter sido comprado nalgum alfarrabista em boas condições. Coisa impossível, aliás, ou muito pouco provável, atendendo à data da edição. Recente.

Páginas 104 e 105. Em ambas, sublinhados, setas, muitas notas nas margens. A da esquerda tem três parágrafos, a da direita, dois. O último dos quais, apesar de mais curto, obriga a voltar a página: só acaba na primeira linha da seguinte, a 106.

É pois pequeno o seu campo de análise. Praticamente duas páginas, em termos tipográficos, e, como texto, cinco parágrafos apenas. Foram os dois últimos destes cinco parágrafos que lhe roubaram a manhã.

Acende outro cigarro, deixa-o quase intacto no cinzeiro, junta as últimas folhas que escreveu e rasga-as devagar. Ao meio. Depois, cada metade em duas novas metades, estas noutras. Meticulosidade inútil. Mau sinal. E, puxando o telefone para si, cancela, com pretextos mais ou menos aceitáveis, os compromissos todos registados na agenda: o artigo prometido ao seu jornal para amanhã, o jantar com um crítico alemão de passagem no país, a participação numa mesa-redonda, marcada para esta noite, sobre testemunho sociológico e liberdade criativa no romance contemporâneo, a lengalenga do costume.

Organizou a tempo, como sempre, as suas notas, quer para o artigo, quer para a mesa-redonda. Não faz as coisas no ar. Está porém num desses dias em que, nos últimos tempos, a si mesmo se pergunta: para quê? E se será honesto publicar seja o que for ou falar em público com tal dúvida a roer-lhe a consciência.

De médico e louco todos temos um pouco, diz o povo e ele é que sabe. Ou sabia. Os tempos mudam. Como médico, deverá concluir que falar sozinho é que é normal? E como louco? Que o melhor é tentar a sensatez? E a sensatez? Que conselho lhe daria a sensatez? Desistir? Interromper o trabalho algumas horas? Alguns dias? Ou antes mudar de vida?

Acende novo cigarro (mais um, como isto vai!), olhando a grande estante à sua frente, como que flutuante do outro lado do fumo. Desistir? Mudar de vida? A perspectiva da derrota não

o perturba por aí além. Quem sabe se lhe sorri. E, deixando tudo como está, sem mesmo se dignar entreabrir a janela ou deitar os papéis rasgados para o cesto, mete ao bolso o maço dos cigarros, desce ao café da frente, onde os empregados o conhecem todos muito bem. Não porque alguma vez tenham lido, é evidente, o que ele escreve. Por lhe verem de onde em onde o retrato nos jornais. E aqui tens o que é a glória.

Não voltará, pois, ao trabalho, não irá almoçar. Está decidido.

Pede uma sande desse queijo a que chamam flamengo e uma cerveja.

Quanto ao jornal, nas tintas: terão lá muita coisa à espera de haver espaço. A mesa-redonda não ficará sem efeito; há sempre alguém para aceitar o convite, mesmo em cima da hora. E, quanto ao crítico alemão, isso, sim, chateia-o mesmo. Tratam temas da mesma área, têm trocado cartas, gostaria de conhecê-lo pessoalmente. Ele próprio tomou a iniciativa. Mas, sendo o outro dos que viajam tanto que nunca compreendeu como arranjam tempo para escrever, não será impossível vir a encontrá-lo noutra altura. Ver-se-á.

Come em pé, ao balcão. Entretanto pensando nas estranhas relações humanas que há nas grandes cidades. Estes excelentes rapazes tratam-no pelo nome quase afectuosamente — senhor Tavares para aqui, senhor Tavares para ali —, mas de modo algum relacionam esse nome, reduzido aliás ao apelido — quantos senhores Tavares haverá no país ou nesta rua? — com o formato rectangular duma capa de livro. Porque, enfim, não se escreve para este ou para aquele, para arranjar leitores ou compradores, mas agrada saber que há quem se dê conta disso. Vai ali o tal autor, qual quê!, tens a certeza?

A miúda morenaça, a beber também cerveja no outro extremo do balcão, está a fazer-lhe olhinhos. Quase desde que entrou. Já lhe servem de todas as idades. Um quarto que ela própria conhece por aí, uma nota das grandes é o que está vendo nele. Mas, filha, já tenho netos, que também nunca lerão os meus ensaios, não-de ser como o pai, que só se interessa por carros de corrida. Não percas o teu tempo, ele é dinheiro, como aprendeste muito cedo e à tua custa. E toda esta afabilidade (a dos rapazes) vem apenas

da legenda dum retrato ilustrando notícias, entrevistas que nenhum deles leu nem lerá em toda a sua vida. Ninguém conhece ninguém.

De forma que, mastigando a sua sande sem prazer e bebendo a cerveja, pagando, despedindo-se, tem, como sempre, a estranha sensação de não ter sido bem ele que ali esteve.

Depois, voltando a ser o Lúcio António Tavares que ficou à espera no passeio, mete-se no carro, estacionado (milagre!) a poucos metros, abre o rádio para sentir-se menos só, põe-se a atravessar a cidade, arranca-pára, volta a arrancar, volta a parar, mal-dizendo a demora ainda mais que de costume, por mera questão de humor (vai sem destino), os sinais vermelhos, os peões. E, enfim, com a grande avidez de liberdade de quem mergulha no mar (já fez a sua opção), deixa a cidade para trás e lança-se na auto-estrada, nisso a que eles chamam auto-estrada, aliviado por ter mandado tudo ao diabo. E, ao mesmo tempo, censurando-se: se fosse um operário, não poderia abandonar o trabalho porque as coisas lhe estão a correr mal ou se sente deprimido. Luxos desses, rapaz, só de pequeno-burguês para cima. Não sabias? Ah não sabias? Não estás farto de saber?

Com a janela aberta e os cabelos sacudidos pelo vento, pé no acelerador, considera um privilégio ir ali a esta hora num dia de semana. Um privilegiado. Até custa a dizer. Mas tem culpa deste e doutros privilégios? Foi ele acaso que inventou os privilégios? Nada o impede, aliás, de retomar o trabalho mais tarde, no regresso, e ficar agarrado à banca pela noite fora. Não era a primeira vez. O privilégio reduzir-se-á então — e já não é nada mau, confessa lá... — a fazer e alterar o próprio horário à sua real vontade. Passear quando os outros trabalham, trabalhar quando os outros dormem. É proletário ou é boémio? Os operários dos turnos da noite também trabalham quando os outros dormem. Mas passeiam quando os outros trabalham?

Conhece de cor o casario espalhado, longe, à sua esquerda, à sua direita, as sebes, as fábricas e fabriquetas, os restos de campo cultivado, vorazmente engolidos, dia a dia, por altos paralelepípedos de cimento. Dormitórios. A palavra mais triste que conhece. É a bela civilização que para aí está, em que vivemos,

que fazemos, também tu a fazes, não te esqueças. Pontos de referência que mal vês já ficam para trás, convergindo no retrovisor, desaparecendo.

Trinta ou quarenta quilómetros de auto-estrada, a cem, a cento e dez, a cento e vinte, e trinta, chega aos cento e quarenta. Pouco atento. Rói-o o trabalho interrompido. A incapacidade de encontrar uma chave para aquelas duas páginas. Ou uma réplica. O que ele quer afinal é replicar, e num registo acima, sobretudo àqueles dois últimos parágrafos que lhe roubaram a manhã. E então começa a abrandar. Mais bruscamente do que seria necessário. Pouca atenção ainda.

Chega-se para a direita da faixa de rodagem entre os oitenta e os setenta, aconchegando o travão, como se tivesse a Polícia atrás de si, não és muito corajoso, já se sabe. E, obedecendo aos sinais desenhados repetidamente, a traço muito branco e muito grosso, no negro do pavimento, entra, já a sessenta, noutra estrada, de velocidade limitada mas nem por isso menos perigosa — é uma zona de ultrapassagens loucas, com veículos longos, motorizadas, inesperadas bicicletas —, estrada que já está abandonando — o tempo voa, não rima mas é verdade — para meter por outra ainda, esta sim quase deserta, mas de piso irregular, buracos e mais buracos, só buracos, que abandona também, quilómetros à frente. Enfiando agora, a menos de quarenta, a trinta, a vinte — mete segunda, pá, vê lá o que é que arranjas! —, por caminhos de terra batida e pedra solta.

Aos solavancos vagarosos. Entre altos muros e árvores frondosas. No silêncio. O paraíso perdido. De dentro do carro, é evidente, e descontando os muros. As coisas são como são. Mas se não as aceitamos como parecem ser em determinada situação, mesmo que momentânea, deixa-a lá ser momentânea, que é que existe afinal?

E pára, finalmente. Para lá dos muros e das últimas casas, arvoredo a toda a volta, onde qualquer sinal de rodas nem sequer se adivinha. Terra arenosa. Perigoso avançar.

O que não desagrada a quem quer desentorpecer as pernas, respirar fundo o ar lavado, embeber-se de silêncio. «Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois...»

Caminha com prazer neste chão coberto de caruma, imaginando regressos ideais à natureza, de que ele próprio se ri. Chapelada a Horácio, de passagem. Se sonhasses o que fizeram da tua Natureza! Desabafar com o Eugénio, estar com ele uma boa meia hora, eis o seu regresso à natureza. Tanto tinham, tiveram, talvez ainda tenham de comum.

E já vai de casaco pelas costas, com isto sempre na cabeça, «quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois...», quando vê na sua frente a cancela meio desmantelada, com restos de tinta verde, que marca, no pinhal cerrado atrás do qual se ouve o mar, uma zona privada, tendo ao fundo uma casa. Pequena. Em adiantado estado de degradação. E, apesar disso (é o passado, é o que as coisas guardam do que foram), sedutora. O mistério das casas abandonadas, fechadas, esquecidas entre árvores! Será bom viver ali?

Não tem muros o terreno, nenhuma vedação dos lados, tudo se foi desmantelando. Mas faz questão de abrir o mais que pode a velhíssima cancela, cuja trave inferior resiste, encravando-se na terra, para penetrar condignamente nesta espécie de domínio abandonado. De domínio? Não é mas podia ser, tanto faz a palavra, aí tens um caso em que as palavras contam pouco.

Anda sem pressa os metros de urze e cardos frente à casa de traçado irregular, com paredes que o tempo tornou pardas mas não tristes por causa do caixilhame pintado do mesmo verde-vivo de que há vestígios na cancela. Repintaram decerto o caixilhame todo desde a última vez. Quanto à cancela, a pobre, que apodreça. É que esta, a desgraçada da cancela, teria de ser toda consertada, não basta só um prego ou outro, betumá-la, pintá-la, uma nova é que se queria, e pouca falta faz. Nenhuma, melhor dizendo. Enquanto a casa, sobretudo nas portas e janelas, tem de ser amparada, de vez em quando remendada, não a deixar cair de todo.

Vai contemplando os três palmos de plantação bravia que já foi um jardim, tinha rosas, tinha hidrângeas, moitas de malmequeres enormes tão altas como um homem. Depois pergunta, sem esperar pela resposta:

— Está alguém?

Empurra a porta. Entra.

E vê-o logo, todo o caminho o viu assim, atrás da mesa, que é tudo quanto resta da antiga saleta de jantar, logo à entrada, aqui onde a família se juntava, se comia, se recebiam as visitas. Uma mesa quadrada, nem grande nem pequena, sobre a qual, além do candeeiro de latão com manchas de verdete e da máquina alta e pesadona, uma *Underwood* de outros tempos, há só papéis. Em tão grande quantidade que alguns deles se foram amontoando nas extremidades do tampo e caíram para o chão. Nem mais nem menos do que vinha à espera de encontrar. Como o homem da mesma idade do que ele, todo inclinado para a máquina, não parecendo dar-se conta de que alguém entrou.

É o Eugénio, o velhadas do Eugénio, afectuosamente o pensa, como os que exclamam, abraçando um amigo que não vêem há muito: «ah meu malandro!, ah meu sacana!». O velhadas do Eugénio, há algum tempo uma fera desdentada no covil, em voluntário exílio que a uns parece apenas intrigante, a outros irritante, o que, ao bom do Eugénio, tanto lhe faz como lhe fez.

Está em pijama, com a barba por fazer, descalço. Saltou decerto da cama para ali, sem ter chegado a comer ou a lavar-se. É o costume. Levanta-se com a ideia de aquecer um púcaro de leite, torrar pão (mais tarde se lavará), mas vai dar, ainda sonolento, uma olhadela ao que fez na véspera, e para trás, outra e outra folha para trás, abana a cabeça descontente, senta-se um minuto, é apenas um minuto, para cortar uma palavra, apontar uma ideia, certas ideias fogem como coelhos bravos, apanhá-las é bom, é o melhor que a vida tem, e já não sai dali tão cedo.

Nada o fará erguer os olhos antes de acabar a sua frase. O Lúcio António Tavares sabe isto perfeitamente: nada o fará erguer os olhos antes de acabar a sua frase. E é isto que o deslumbra nele. Este afinco. Este assim é que estou bem, deixem-me em paz. O carroto corre até ao fim, volta para trás, lança-se de novo até ao fim. E só quando a campainha do marginador soa pela quinta ou sexta vez, a pancada seca duma tecla grava provavelmente um ponto e a máquina pára.

— Ah bom.

A fera bonacheirona. O esboço de sorriso que desvenda a falta dum dente à frente. — Acabaste por vir.

— Acabo sempre por vir.

— Pois acabas.

A falta do dente à frente. — Que remédio, não é?

Está já no despique, ou quê?

O Lúcio António Tavares, sabendo que o outro vai remergu-lhar nas últimas linhas que escreveu — há por ali um «que» a mais, qualquer coisa que range, que ele busca, fareja, risca, substitui —, atira o casaco para o lado, lança mão de algumas dessas folhas e, no cadeirão de molas lassas junto à mesa, mesmo de frente para a porta, põe-se a lê-las. Percebendo muito bem, passado pouco tempo, que o Eugénio se levanta, vai lá dentro (água a correr, um sussurro de vozes, falará sozinho) e regressa, com a camisa e as calças enfiadas à pressa, mastigando.

Mas é agora a sua vez de não se interromper. E também de falar sem desviar os olhos do que lê. Tanto mais que está desoladamente confirmando o que toda a gente sabe, e ele também. Agora mais claro ainda o desafio. Mais afrontoso, digamos antes assim.

Desfaz o nó da gravata, põe os papéis na mesa, tira outros de lá, lê-os de ponta a ponta. Impaciente com as paragens a que o forçam as inúmeras emendas, feitas numa letra miúda e apressada, difíceis de decifrar, raios partam tanta emenda, e para isto.

Na parede, um relógio parado. Do outro lado da janela, só pinheiros. Por trás deles, mas longe, o ruído do mar.

Suponhamos que aparece alguém morto na praia. É o que o Lúcio António Tavares sempre pensa, um tanto nebulosamente, desde a grande mudança. Certas suspeitas recaem sobre um amigo nosso. Não pode acontecer? Que terá sido a última pessoa a estar com a vítima. Que o terão visto a gesticular com ela (não só a falar, portanto) precisamente na praia, pouco antes do crime. Que parece outro desde então. E que se esquiva. Que evita olhar para as pessoas. Chegará para concluirmos que o nosso amigo é culpado? E a suspeita, insidiosa, permanente, como livrar-se a gente dela?

Lê, pousa os papéis, desfecha:

— É isto o que escreves agora?

À bruta. Como da outra vez. Não precisava para nada de falar como um polícia refastelado atrás da sua secretária: «Ah foste tu, então?»

Mas o Eugénio faz que sim com a cabeça, a boca cheia, divertido. E esta? Quem esperaria vê-lo divertido com a decepção de um amigo como ele? Amigo que, do seu lado, ainda não esqueceu os livros com que trabalhou a manhã toda, e ontem, e antes de ontem, aquelas malvadas folhas que encheu de esquemas, desenvolvimentos frustrados, círculos, triângulos, linhas cheias e ponteadas, na intenção de tornar explícita a leitura dum texto cuja estrutura profunda lhe fugia. Ou a sua leitura. A dele. Um descobrir no texto perspectivas diferentes, tão ricas ou mais ricas que as propostas pelo autor, se acaso o que o autor propõe é o que ele julga encontrar naqueles cinco parágrafos, depois de tantas horas de trabalho.

E, de repente, como um murro na cabeça, toma lá. Aí tens essa água morta, bebe-a se fores capaz, essa prosa charra ou chilra, baptiza-a como quiseses, onde não há nada a decifrar nem a criar partindo dela. Se é aceitável para o caso dizer «prosa». E, no entanto, estás a lê-la, continuas a lê-la, como se ela, para teu espanto maior, te fascinasse.

Porque cadáver há. De outra espécie. Assassinado e assassino podem ser a mesmíssima pessoa, é evidente. Mas suicídio? Os homens como o Eugénio nunca se suicidam. Sobretudo se estão na nossa frente a comer pão, provavelmente com manteiga, e aparentemente tão felizes. Autor e homem são neles inseparáveis. Um não resiste ao descalabro do outro. E não vês como ele ri?

Reduz então essas suspeitas tolas a uma surpresa prudente e comedida. De onde devias ter partido. De onde não devias ter saído. A modéstia é um bom princípio, como começo e como norma.

— Não entendo.

Caindo, pois, na armadilha. É exactamente o que o Eugénio queria que disseses. Como vês.

— Não? E eu à espera de te ouvir precisamente o contrário. Que não tem nada que entender...

Tal como se dissesse: que, portanto, não presta, o que logo se entende para vocês não presta. E outras coisas assim, provocações.

O Lúcio António Tavares engole em seco, civilizadamente, passa os olhos pela mesa cheia de papéis, aparentemente como a sua — mas são outros os papéis e não há livros, nenhum livro. Passa-os pela arca, entre a porta e a janela, com a tampa como sempre coberta de romances, revistas, dicionários. Lembrando-se ao mesmo tempo de que atrás de si continuará na parede um velhíssimo espelho alto, estreito, de moldura trabalhada, o aço fosqueando, uma relíquia de família, onde o outro estará vendo o seu crânio quase calvo com madeixas grisalhas, mais ou menos como o dele. Desvia os olhos para a direita, procurando uma aguarela, que com efeito lá está, toda em tons de ocre amarelo, com zonas de sábias transparências ou, quem sabe?, ocasionais e, como certos Turner, salvo seja, dum figurativismo tão esfumado que de longe se diria uma pintura abstracta.

— Mas o que é que te deu?

Sem sombra de censura, agora. Mais vale tarde que nunca. Dizem. Que ao amigo, tal zelo sabe-lhe a ranço, sobretudo a inflexão paternalista, impossível de tragar. Põe-se a trautear *la donna è mobile*, entreabrindo a porta, como quem nada ouviu ou, se ouviu, vai lá indo à tua vida, desampara-me a loja.

— Não quererás explicar-me?

Pois não. O Eugénio não parece disposto a explicar seja o que for, seja a quem for. Abre um pouco mais a porta, fazendo que o sol chegue até aos pés da mesa e forme no sobrado um triângulo de luz. Um isósceles. Que tal?

Simula? Ou ser-lhe-á mesmo indiferente agora o que ele pense?

Prosa escorreta, sim, não se discute. Sem dúvida, correcta. Apetece até dizer de mais. Dócil a todas as convenções, sem nervo imaginativo, neutra. Ninguém a diria dele. E, quanto à história, porque história há, será mesmo tudo quanto há, só se pode chamar-lhe trivial.

Terá perdido a capacidade de invenção. Primeira hipótese. A do suicídio involuntário. Já que nem todos voluntários são, como se sabe. Há pressões, situações insolúveis, o morrer para não ser

morto, a falta de alternativa. Até os grandes, os maiores, estão às vezes sujeitos a esta espécie de pressões e se vão liquidando pouco a pouco, uns pozinhos no chá todos os dias, sem se darem conta disso. Esgotaram os seus recursos de surpresa, talvez o saibam, talvez não. E deslizam para uma escrita como esta, sem terem a noção ou a coragem de aceitar que o seu tempo acabou. Parte do público mantém-se-lhes fiel: quer na estante, por espírito de colecção, os livros todos de quem foi notável e, apesar de tudo, ainda admira. E outros compram por comprar, pelo prestígio de nomes que o editor consegue preservar à custa de elogiosas referências a livros anteriores, nas badanas, nas cintas, nas entrevistas, nos anúncios.

Mas não será o caso do Eugénio. Nem tem idade para isso. Como se, nestas coisas, a idade contasse! Consulta as histórias da literatura, meu menino, lê-as bem, e fala então sobre obras-primas. *Os Buddenbrooks*, escreveu-os o Tomás Mann com vinte e seis anos, já se sabe. Mas *A Casa Grande de Romarigães*, escreveu-a o Aquilino com setenta e quantos?

Os cortes de períodos inteiros, as substituições, as novas versões das mesmas frases, depois cortadas, por vezes retomadas para voltarem a ser abandonadas ou, então, introduzidas noutras partes do texto, nem sempre se entendendo bem porquê, a profusão de cruces e cruzinhas, setas, entrelinhas que trepam, descem e voltam a trepar pelas margens fora, chegando a prolongar-se no reverso das folhas, sim senhor, tudo isso pode revelar um estrebuchar lento de impotência. Mas por que não revelará também a tortura criadora de quem sabe o que quer e não desiste de encontrá-lo? Tudo tão fácil, porém (para quem lê), Eugénio! Tão pobrememente transparente! Tão só o que aqui está e nada mais do que aqui está!

O Eugénio tem agora o corpanzil encostado à ombreira da porta, de risinho finório. Velho e ronha. Já se sabe como ele é. Imaginando talvez o que o outro congemina e isso lhe agradando. E, sem mesmo se voltar, sai-se de lá com esta, declamando:

— «Heureux qui, comme Ulysse, a fait un beau voyage. . .»

Numa ironia inesperada, magoada, para si mesmo ou para ambos, pode bem ser que para ambos. Longa pausa.

E, de súbito, numa pirueta muito ágil (e isto?, também isto é da idade?), planta-se na frente do amigo e adeus ironia, o que ali está é o seu bom e velho camarada. Quantos anos tem agora? Vinte? Trinta?

— Sabes o resto. Claro que sabes o resto: «Et puis est retourné plein d'usage et raison»... Não te lembras? É tão belo! Não te lembras?

O Lúcio António Tavares pega na deixa sem se mostrar surpreso:

— «Vivre entre ses parents le reste de son âge.»

E, com a mesma seriedade, levando a farsa até ao fim:

— Du Bellay, *Regrets*, soneto não sei quantos.

Desatam os dois a rir, não havia outra saída, o rir consola, ó deuses de todos os Olimpos, se se pudesse apenas rir!

Mas não se brinca com a morte, ou lá que é. O Lúcio António Tavares tem uma pista, uma intenção, regressa ao ponto onde antes estavam. Ao que ele julga ser o ponto onde antes estavam. A profusão de frases feitas, a adjectivação comum, os processos mais convencionais da narrativa, o já lido em toda a parte, tudo isto é só recusa, desafio? Sê-lo-á sequer?

— Ou eu me engano muito ou andas a brincar com o fogo.

E o Eugénio, que ainda não abandonou de todo o jogo:

— Sim?

— Mais sabes tu que sim. Não tarda que destruas a tua própria linguagem.

Muito longe. É o defeito principal do Lúcio António Tavares. Não visa com a demora necessária, atira logo, falha o alvo.

— Ah eu tenho... uma linguagem?

— Oh Eugénio!

— Eu... uma linguagem?

Já dissera o essencial, o outro não entendera, paciência. Quando é precisamente o que o outro receia ter entendido bem: a bela viagem terminou.

— Se te passasse pela cabeça publicar isto, qualquer crítico diria...

O tiroteio às cegas prosseguindo.

— Oh os críticos, tu sabes...

Negligentemente. Mas tão de pronto que é coisa que deve andar recalcada lá por dentro há muito tempo. E, nesse caso, atenção.

Não que seja um indício seguro. Impressões digitais na arma deixada ao pé do morto, qualquer coisa assim. Um elemento toda-via é certo. Algo o perturba, para aqui encafuado nesta casa distante, onde só chega o rumor da aragem nos pinheiros e o do mar. Vendeu o carro. Não quer nem pode comprar outro. Está só agora esta pobre alma penada. A mulher passa por cá dois dias na semana, tem emprego, há a roupa, a limpeza, os abastecimentos, e devem ver-se, dormir juntos, que diabo, ainda se amarão. É duro. E incompreensível.

— Que é que tens agora contra os críticos?

Em vão. Como era de esperar.

— Contra os críticos, eu? Que é que havia de ter? São pessoas respeitáveis, sabem tudo.

— Tu próprio fizeste crítica.

— Eu fiz crítica? Larachas, disparates, não se fala mais nisso. A crítica hoje é outra coisa. E eu escrevo-a com maiúscula, que é que pensas? Não tenho nada a ver com ela, nem ela comigo, assim o espero.

Sobreposição de imagens, muito lenta. A da fera no covil vai-se encobrendo sob a dum pobre caminhante que, a dada altura, se dá conta de ter esquecido o rumo da viagem e se vê entre gente cuja língua desconhece.

Há por ali jornais, revistas, livros novos com todo o ar de nem terem sidó folheados.

O pobre caminhante — não a fera, portanto — encolhe os ombros, põe-se a andar na casa para trás e para diante, onde vai ele?

— Não tens razão.

Diz isto de onde? A que distância já?

— Eu não tenho razão?

— Pois não.

— Em quê?

— No que estás a pensar.

— Tu sabes no que estou a pensar?

O Lúcio António Tavares imagina-se a falar com as mãos em concha ladeando a boca para poder ser ouvido onde quer que o outro esteja.

— Claro que sei — diz o outro de algures, na sua caminhada.
— Longe está-se às vezes mais perto. Vêem-se as coisas melhor. Muitíssimo melhor.

Depois dum curto silêncio:

— Ouviste bem?

E, de repente, ali mesmo, onde evidentemente sempre esteve:

— Dei a volta.

O sorriso amistoso. A falta do dente à frente. A fera envelhecida regressando.

— Deste a volta?

Como se fosse possível alguém ainda dar a volta — pensa o Lúcio António Tavares amargamente. Condoidamente.

— Vocês brincam com palavras. É tudo quanto fazem. São brincalhões adultos. Finos como coral, com uma bagagem de alto lá com ela, mas imaturos.

— Imaturos?

— Exactamente, imaturos. Constroem girândolas de palavras, muito belas, sim senhor, não me farás dizer que não, mas de que só saem palavras, palavras, palavras, só palavras.

O Lúcio António Tavares, ligeiramente atingido, mas só ligeiramente, os facciosos afirmam, negam, nunca entendem nada nem ninguém, ele não é faccioso:

— Que querias tu que sáisse? É de palavras que se trata.

— Pois é.

Diz e amua. Que não lhe interessa discutir, que tem mais que fazer, que estão em campos diferentes, quem havia de dizer nos bons, nos velhos tempos. E, no entanto, não se cala.

— Imagino que vocês são grandes masturbadores, com classe, de primeira. Doentiamente voltados só para dentro, como qualquer bom masturbador, mas fazendo a coisa em público. E elogiando-se por isso numa linguagem requintada, masturbante também, só vocês a entendem e vá-se lá saber.

— Estás porco — observa com surpresa, do que ouve e do que diz, o Lúcio António Tavares.

— Não, rapaz. Porca é a vida.

Descobre isto. Diverte-o a descoberta. — E que interessa a vocês isso? Faz falta limpar a vida, ressuscitar a alegria de viver em comum e provar que gozar não é tudo o que existe neste mundo. Se não se partilha o gozo e o sofrimento, viver é quase um crime. Dá-me nojo.

— E para que assim não seja é preciso voltar cinquenta anos atrás?

— Cinquenta anos atrás? Eu voltei cinquenta anos atrás?

— É o que está parecendo.

— Ah é? Está parecendo? Bem me interessa a mim o que parece, o que vos está parecendo. Sigo tranquilamente o meu caminho. Bem trabalhosamente, como vês. Não estou à espera de elogios, de vendas espectaculares. Podem seguir. Adeus. Fico bem, muito obrigado.

Ou seja, machadadas no Lúcio António Tavares que veio de longe para ouvi-lo mas também para ser ouvido. Sobretudo para esquecer. Já não chegará a confessar-lhe por que veio. Pode alguém ajudar seja quem for? Cada um cai, cada um se levanta pelos seus próprios meios. Se não, *requiescat in pace*, a vida continua. Quem caiu que se lixe. E, no entanto,

— Tu és um monstro de trabalho, Eugénio, e não te interessa nada, mesmo nada, o que pensem do que fazes. É isto? Exactamente assim?

— Exactamente.

— Atingiste então o estado ideal a que poucos chegaram. Beatitude. Mas nesse caso, Eugénio, é que no fundo, bem no fundo, só continuas a escrever pelo prazer da escrita. Ora o prazer da escrita...

Mas dessas anda o Eugénio farto. Até aos gorgomilos. Oh chatices! Oh desconchavo enjoativo! Com o que este lhe vem!

— Não sei o que isso é.

E fecha-se logo, julga ele, num silêncio definitivo. Quem não sabe onde vão dar estas conversas? Boa noite.

— Não sabes o que é o quê? O prazer da escrita?

Calate-te, tonto (o Eugénio para consigo), o diabo sabe muito porque é velho, tu és velho, não respondas. Deixa passar a caval-

gada. Mas afinal responde, já sabia, havia de responder, além de velho, esparvoou.

— Só sei o que é necessidade. E acaba lá com isso por favor. Preciso de escrever para estar vivo. Nada mais. Isso do prazer não vai além de metáfora, e pobre. Por isso rende tanto. Não é prazer que sinto enquanto escrevo.

O Lúcio António Tavares bebe-lhe estas palavras, com o interesse de quem estuda à lupa um vestígio de pegada onde menos esperaria vir a encontrá-la. Nenhum prazer no acto de criar. A suspeita maior, portanto, a ganhar corpo, a confirmar-se.

— Escrever é-te penoso então... agora?

O Eugénio pasma de tanta incompreensão. E de novo decide que nem mais uma palavra. Santamente ignorando que o Lúcio António Tavares não arredará pé dali enquanto não puder reconhecer esse cadáver sobre a mesa, esartejado, com pedaços espalhados pelo tapete. Sendo, aliás, ele próprio parte interessada no processo. A estante flutuante de outro lado do fumo. Ele a rasgar tudo o que tentou fazer, a telefonar para o jornal, para o crítico alemão, para os da mesa-redonda.

— Escrevo como respiro. É uma necessidade. Como qualquer outra. Mais constante, em todo o caso, mais premente. Apenas isso. Alguma vez pensaste em prazer quando respiras?

Silêncio. Intencional. Deixá-lo ir por si mesmo até à confissão.

— Eu quero voltar à história. Não percebeste ainda? Mas à história simples, que se escreve para ser lida até ao fim, não treslida mal a lêem, se a lêem, transformada em pretexto logo às primeiras linhas. A uma história simples para gente simples.

— Vê-se.

Entre a censura e a anuência. Estratégica. Como a duma enfermeira à cabeceira do doente, com a sua mão na dele: calma, não se excite.

— É essa obsessão da história. Vê-se.

Na voz suave com que a enfermeira diria: isso passa, deixe lá, sossegue.

O doente, contudo, espinoteia.

— Que obsessão? Um milhão de ovas. Que obsessão? À partida, nem intenção de história há. Nem tema, assunto, nada. Tudo

começa geralmente numa frase. Apenas isso: numa frase. Numa frase qualquer ouvida por acaso ou nem sequer ouvida, nascida não sei como, de que a tal necessidade se apodera logo e não mais larga. Mas essa frase acaba sempre por ir dar àquilo que mais me inquieta, me entristece ou me revolta, me repugna ou me comove e alegra neste mundo. E isso tu não perdoas. É o que tu não perdoas. Nenhum de vocês perdoa.

Nota à margem do Lúcio António Tavares, sem esperar pois qualquer resposta: «E o que escrevem os outros? Não vai dar tudo também ao que mais lhes interessa, ao que, no fundo, eles próprios são?» Contranota do Eugénio, igualmente falando de si para consigo: «Suponhamos que sim. O importante, porém, é perceber que se trata de outras coisas. Dizer-se contra o sistema e ser *mesmo* contra ele, que diferença!»

Meio sonambulamente:

— E há voos obscuros — sabes? — à nossa volta e em nós, em pleno dia, por baixo das palavras e dos gestos. Coisas que se passam no silêncio dos que as vivem sem poderem dar por elas. Sem saberem dizê-las. Coisas mínimas, triviais — como tu tens razão!, são realmente triviais — e que, apesar de triviais vão transformando a vida toda, nos transformam. Coisas que têm de ser comunicadas. E que recusam todo o jogo irresponsável num mundo que caminha velozmente para a sua destruição.

— Isso é tão velho, Eugénio!

— Pois é. Os robles também são velhos e resistem, fazem falta.

Um médico mandou embora a enfermeira e, tratando-o por tu, como qualquer médico que se preza faz com um doente de hospital:

— O que tu queres é voltar ao choradinho à portuguesa. Coitado do pobrezinho, etc. e tal. Mas o teu pobrezinho anda hoje por aí de carro comprado a prestações. O que tu estás é fora do teu tempo.

— Merda para quem não me entende.

— Quem é que não te entende? Tu sonhas com fantasmas. Ignoras o teu tempo. Não tens outra doença.

— E tu? — diz ele, do outro lado do muro. — Tu crias outros fantasmas, vives deles.

Ou seja, o recomeço possível dessa conversa interminável que tiveram durante anos, mas ambos do mesmo lado, quando o Eugénio tratava sobranceiramente os autores tradicionais e sofria assuadas dos que viriam a segui-lo, a imitá-lo e agora o ignoram ou atacam, até aqui tudo normal.

Ou não será bem o mesmo?

Estão em pé, voltados um para o outro, a um braço de distância. Assim começam os abraços de adeus ou as cenas de facada.

O Lúcio António Tavares contempla, na parede em frente da janela, o tal espelho alto e estreito, de moldura trabalhada, uma relíquia de família. E, na outra parede, que faz ângulo com a primeira, a aguarela de sempre, cujo vidro reproduz neste momento, de ângulos diferentes, o que o espelho reflecte: a ramagem dos pinheiros enquadrados pela janela, a papelada em monte num dos cantos da mesa, o rolo e parte do teclado da velhíssima *Underwood*. E o Eugénio também, a três quartos no espelho, no vidro, de perfil. Ele só, duas imagens.

É a altura, portanto, de o Lúcio António Tavares fazer o nó da gravata, vestir o casaco devagar para não mostrar ressentimentos, guardar o maço dos cigarros, o isqueiro, estender a mão a despedir-se.

O que, ao Eugénio, pouco interessa.

— Escrevo uma frase: é escrita, não? Mesmo sem sapatadas na sintaxe e inovações de grafia, é escrita, não? E é minha, não? Deixo que a escrita faça aparecer a história, pode ser?

Um grande enfado, indisfarçável:

— Quem te disse que não? E que é que isso tem de novo?

— E tu a dares-lhe com o novo.

O Lúcio António Tavares tem pois a mão estendida, a despedir-se. Pensando na viagem! Houve-a, sim, e muito bela. Ambos a lembram. Mas a felicidade do depois, onde está ela, ó meu Ulisses no regresso? E «os teus»? Onde é que estão «os teus»? Lá para trás? A gente vai envelhecendo e deixa tudo lá para trás? Ou irão já tão à frente que os não consegues ver ainda? Que os não veremos nunca?

O Eugénio não lhe aperta a mão, era o que mais faltava. Que vai com ele até ao carro.

— Vens?

Ou seja: ainda vens?

— Vou.

Ou seja: que razão há para não ir?

Atravessam sem pressa os metros de vegetação selvagem que foi outrora um jardim, «já viram as minhas rosas?», a mãe dele, com um orgulho ingénuo, a pobre da senhora. Saem pela cancela entreaberta. Caminham, lado a lado, no tapete fofo de caruma.

— E a Lisa? Tem continuado a aparecer?

— Pois tem. Por que não havia de aparecer?

Está um fim de tarde transparente. Só uma aragem sussurra nos pinheiros, por trás dos quais se ouve, como sempre, o susurro longínquo do mar. «Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois...» Mas sem a convicção anterior. Já só quase citação, por tendência natural, por vício, o que é dos livros só nos livros vive para sempre.

— Ouves?

O Eugénio quer que ele ouça, põe-lhe a mão no braço, obriga-o a parar. Como se qualquer prodígio estivesse a anunciar-se, a aproximar-se.

— É um sussurro, não é? E brando...

Que era um sussurro e era brando, sim senhor, mas vamos lá andando, o intervalo acabou.

— Por que não hei-de então escrever apenas que a aragem sussurra brandamente nos pinheiros? Só porque muitos o escreveram antes? Só porque se entende bem de mais?

E um bom pedaço mais à frente, já com o carro e os muros da azinhaga à vista:

— Olha-me aquelas árvores. Mas olha-as, caramba. Vieste e vais passar outra vez por entre elas sem as veres? São belas e frondosas, tu não achas? Por que não hei-de então chamar-lhes belas e frondosas? Por que não hei-de escrever, quando calhar, que o teu carro passou entre árvores belas e frondosas? Só assim, simplesmente?

O Lúcio António Tavares faz que sim com a cabeça, antes que a conversa recomece. Uma conversa quase sem sentido. Inútil. Como a sua visita foi inútil. Como tudo é inútil.

Cá está o carro. Entra. Desce o vidro todo da janela.

— Enfim, é bom falar. Faz bem. Desculpa é ter-te roubado tanto tempo. Foi quase a tarde inteira. E talvez tenhas razão, nunca se sabe.

O motor pega logo.

— Vais voltar?

Quase uma súplica, o costume.

Com as mãos no volante, o Lúcio António Tavares tem um sorriso vago, impiedoso, conformado. Para esse grandalhão que para ali fica, a barba por fazer, olhar inquieto, lembrando um pobre arrumador de carros onde não há lugar para arrumá-los.

— Como posso não voltar?

Pensando, desolado, que o outro escreverá: «Como posso não voltar? — disse ele à despedida.» Ou qualquer coisa assim, duma vulgaridade de expressão que lhe custa, no entanto, ele bem viu quanto lhe custa a conseguir.

Entre árvores, na verdade belas, na verdade frondosas, acena com a mão, arranca lentamente e lentamente avança pelo caminho de terra batida e pedra solta. «Sem as veres» — dissera o outro ingenuamente.

Já na estrada, acelera. Ultrapassa carros e carretas, motorizadas, camions. E, mal entra na auto-estrada, acelera ainda mais, cada vez mais, com desespero e toda a esperança perdida. O Eugénio está morrendo. Eles todos estão morrendo.

Nem pensar em voltar hoje ao seu ensaio. Ainda há privilégios, felizmente.